

HOMENS NA ENFERMAGEM: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA CADEIA PÚBLICA FEMININA

Mateus Alencar Ferreira (1) *; Fernando Vitor Alves Campos (1); Gabriela Garcia de Andrade(1); Kalliny Mirella Gonçalves Barbosa(1); Michelle Christini Araújo Vieira(2)

1 – Acadêmico do Curso de Enfermagem, Universidade Federal do Vale do São Francisco – Univasf.

2- Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia, docente do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

*E-mail: mateus.ferreira@facape.br

Resumo: O objetivo deste estudo é relatar as experiências vividas no cotidiano acadêmico de estudantes de enfermagem, sobretudo do sexo masculino, em meio ao Projeto de Extensão Universitária intitulado “Saúde da mulher na prisão: uma proposta de promoção da saúde” que promove a educação em saúde, além de assistência às mulheres privadas de liberdade da Cadeia Pública Feminina de Petrolina/PE. O projeto conta com uma equipe multidisciplinar, com docentes e discentes de curso medicina, psicologia e enfermagem. Durante todas as atividades realizadas na cadeia pública feminina, busca-se a interdisciplinaridade e a rotatividade entre acadêmicos, para que o conhecimento seja adquirido de forma igualitária a todos nas oficinas educativas ou nas práticas assistências da enfermagem, porém durante a realização das intervenções da enfermagem, como o exame citológico (Papanicolau) e a inspeção de manchas de hanseníase observou-se que as mulheres negavam a presença dos discentes do sexo masculino, dificultando o aprendizado individual por parte destes e a uniformização do saber entre o grupo de alunos, outra contestação foi vista em rotular os estudantes de enfermagem como “doutores”, enquanto as mulheres eram sempre vistas como enfermeiras, independente da graduação a qual estas cursavam. Mostrando assim, que há um estigma e senso comum à cerca da identidade de gênero em meio ao cotidiano da enfermagem.

Palavras-chave: Identidade de gênero, Prisões, Relações Comunidade-Instituição, Educação em enfermagem, Enfermagem.

INTRODUÇÃO

No século XIX, a enfermagem deixa de ser empírica e passa a ser científica, a matriarca dessa modernização foi Florence Nightingale que mostrou que os cuidados da enfermagem podem ser além dos conceitos religiosos de amor, caridade, compaixão e humildade. Junto com o pensamento futurista à época de Florence, veio também a primeira teoria da enfermagem denominada ambientalista, onde Nightingale propôs que os fatores ambientais como iluminação do local, ruídos sonoros, utensílios usados pelo paciente, objetos encontrados no local e ambiente externo podem interferir na saúde do paciente, todo esse conhecimento foi adquirido através da observação e registro efetuado por Florence (SOUZA et al., 2017).

Aproximadamente um século depois, em 1954, surge também nos Estados Unidos da América uma outra mulher chamada Hildegard Peplau que publicou um livro muito à frente da época e preciso que um homem levasse o título de autor, pois à visão à época uma mulher não poderia ter capacidades intelectuais de ter uma titulação de autora. O livro intitulado de “x” une

conceitos da enfermagem com a psicologia, uma das primeiras pessoas a tratar da multidisciplinaridade e intersectorialização, com o livro surgiu a teoria conhecida como teoria das relações interpessoais, que abriu porta para outras mulheres nas décadas seguintes e foi um pilar para várias teorias que surgiram dessas pensadoras (CARRILHO; ALMEIDA; MARTINS, 2016).

Em 1960, Faye Glenn Abdellah estuda e conceitua a teoria dos 21 problemas; quatro anos depois Virginia Henderson estuda e enumera 14 necessidades que o paciente deve ter, nascendo a Teoria das Necessidades Fundamentais; além destas, em 1966 surge a teoria da relação interpessoal de Joyce Travelbee que complementa a teoria de Peplau. Ao final da década, em 1968 Dorothy Johnson cria a Teoria de sistema de resultados (CARRILHO; ALMEIDA; MARTINS, 2016).

Seguindo uma ordem cronológica, surgia em 1970 a Teoria humanística e humanitária Martha Rogers e em 1972 modelo de sistemas de Betty Neuman 1972, em 1978 Teoria transcultural do cuidado de Leininger 1978 e em 1979 Callista Roy cria uma teoria que é por muitos a mais conceituada e usável no cenário hodierno, conhecido por Modelo da adaptação de Roy. Na década de 1980 surgindo duas teorias buscando o autocuidar, com Dorothea Orem em 1980 e Imogene M. King em 1981 (BAGGIO et al., 2014).

Observa-se que a enfermagem foi a forma na qual as mulheres obtiveram sucesso, onde toda as teorias e pilares da ciência da enfermagem, de repercussão global, foram estudadas e desenvolvidas por mulheres, visto que a sociedade à época mantivera-se patriarcal e machista, logo a enfermagem foi a principal arma do empoderamento feminino dentro das ciências, sobretudo da área da saúde. (LOPES; LEAL, 2005).

Os esforços de Florence em institucionalizar a enfermagem, deu oportunidade de as mulheres ganharem espaço profissional (SOUZA et al., 2017), porém a associação de mulheres com o cuidar vem desde antes de Nightingale, em diversas culturas a imagem de curandeira, sempre foi associada às mulheres e até hoje são elas são vistas como “naturalmente preparadas” ao ato de cuidar, sendo mais um agravante à estigma social de que homens não podem cuidar ou serem enfermeiros (LOPES; LEAL, 2005).

Lopes e Leal (2005) afirmam que durante o final do século XX, sobretudo nas décadas de 1980 e final da década 1990 até o início da década 2000, houve um crescimento de somente

2% no número de enfermeiro, saindo de 5,9% para 7,9%, crescimento atenuante dentre um intervalo de 20 anos, imaginando que durante esse período houveram reformas políticas com grande relevância no legislativo, criando leis Nacionais que regulamentam o sistema de saúde, assim como a atuação dos profissionais e a qualificação e educação com o acréscimo de novas cursos de nível superior distribuído por todo território nacional. O crescimento das mulheres dentro do mercado de trabalho e meio científico por meio da enfermagem foi tão forte que os homens perderam espaço profissional e social sobre a enfermagem, tornando o reconhecimento uma das principais lutas de um acadêmico após sua formação.

Assim como houve uma evolução, modernização e transformação de arte da cura em ciência da enfermagem, de empírica à científica, deveria por vezes haver uma evolução sobre a imagem do profissional de enfermagem no senso comum, no ambiente profissional e comunidade acadêmica/científica, não visto mais como somente mulheres atuantes, mas também àqueles do sexo masculino independente de gênero ou orientação sexual.

Diante disso, este trabalho tem o intuito de relatar as experiências observadas por discentes em função das relações interpessoais entre estudantes do sexo masculino e mulheres apenas, assim como os estigmas e preceitos criados por essas mulheres devido à rotulação da imagem da profissão de enfermagem como ambiente predominantemente feminino.

METODOLOGIA

O estudo possui caráter descritivo, do tipo relato de experiência, observado durante a realização de um projeto de extensão intitulado “Saúde da mulher na prisão: uma proposta de promoção da saúde” promovido pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), em Petrolina – PE, que conta com vinte e cinco graduandos, sendo cinco do sexo masculino, dentre estes cinco, três são acadêmicos de enfermagem.

O cenário de estudo foi a Cadeia Pública feminina de Petrolina, localizada na rua Pacífico da Luz, Centro, Petrolina – PE, que conta com capacidade para sessenta e seis detentas e atualmente contém sessenta detentas (CNJ, 2018). Não há um número certo de apenas, visto que mesmo não havendo um estabelecimento destinado para presas provisórias, devido a uma necessidade geopolítica, há prisão provisória no âmbito penal, tornando a rotatividade e quantidade de apenas na Cadeia Pública Feminina de Petrolina alterada frequentemente.

No decorrer do projeto de extensão foi promovido às mulheres, em parceria com a Secretária Municipal de Saúde do município da localidade, a realização de exames preventivos, com a coleta de material citológico, estas mulheres foram selecionadas de acordo com estudos feitos por coletas e registros de dados efetuado pelos extensionistas.

Durante todo ano serão feitos exames citológicos conforme a disponibilidade da secretária de saúde com foco em alcançar toda a população carcerária do estabelecimento. Antes da realização do procedimento, a docente do colegiado de enfermagem da Univasf responsável pelo projeto juntamente com os alunos, reuniram-se com estas mulheres para informá-las do procedimento que seria feito, ao fim explicou que a presença dos discentes do sexo masculino só ocorreria com a autorização prévia delas, dentre as cinco somente uma permitiu a participação dos discentes, as demais alegaram além de vergonha em despir-se, também timidez que para Felix e Viotto Filho (2016) é definida como um processo Histórico-Cultural, que se constitui da síntese de múltiplas determinações e relações sociais.

Ao longo do procedimento do Papanicolau, os acadêmicos de enfermagem do sexo masculino uniram-se em um grupo, a fim de obter o aprendizado de forma isonômica com as discentes que formaram os demais grupos, as coletas ocorreram sob supervisão da docente responsável.

Posteriormente, com o diagnóstico positivo para Hanseníase de uma detenta pelos acadêmicos do projeto, foram realizadas inspeções nas presas que coabitavam na cela, pois as mesmas seriam, nesta situação, os contatos que deveriam ser investigados conforme estabelecido pelo protocolo de controle da patologia.

Oito mulheres tiveram a pele inspecionada, com intuito de detectar patologias dérmicas infectocontagiosas, imaginando o ambiente penal de risco; para Mistura et al. (2015) os estabelecimentos penais possibilitam às detentas contatos íntimos e prolongados de forma compulsórios, somadas as condições insalubres e a escassez de ações de saúde que acabam tornando-se agravos de algumas doenças como a Hanseníase e Sífilis que tem como sintoma a alteração na pele de todo corpo.

Durante a realização da inspeção, novamente foi observado vergonha e timidez por parte das mulheres em serem inspecionada com a presença de acadêmicos do sexo masculino, seguindo o mesmo protocolo do procedimento anterior, antes da inspeção as detentas foram

instruídas pela docente sobre a forma de procedimento, porém durante a instrução foram modificadas as perguntas a fim de se obter respostas diferentes, foram realizadas perguntas como “Você autoriza a participação dos meninos? ”, “Tem algum problema dos meninos participarem? ”, “ Os meninos irão participar da inspeção, ok? ”, as perguntas também foram feitas pelos acadêmicos como “Podemos participar da inspeção? ” e “eu vou ficar durante a inspeção, algum problema? ”. Foi observada também a postura desses discentes durante a solicitação de participação no momento da inspeção e as alterações.

Foi observada que perguntas fechadas (ARAÚJO; FREITAG, 2010) “Os meninos irão participar da inspeção, ok? e “eu vou ficar durante a inspeção, algum problema?, cujo respostas deveriam ser dicotômicas (sim ou não) e usadas na forma imperativa tiveram a aprovação das mulheres, já perguntas alternativas (ARAÚJO; FREITAG, 2010) que possibilitavam a subjetividade das respostas como “Tem algum problema dos meninos participarem?” e “Podemos participar da inspeção?” resultaram em respostas alternadas, já a pergunta “Você autoriza a participação dos meninos?” não teve aprovação das mulheres, já que se trata de uma pergunta fechada que induzia a resposta de negação.

Em nenhum momento qualquer uma delas foi obrigada a realizar alguma ação sem seu prévio consentimento, visto que para elas estarem privadas de liberdade exclui o direito de escolha, porém é previsto pela Lei de Execução Penal (BRASIL, 1984) que mesmo em cumprimento de pena é assegurada a garantia de direitos e deveres, possibilitando-as a obterem por participar ou não de quaisquer atividades realizadas durante o projeto de extensão, sejam essas atividades práticas e procedimentos de enfermagem ou até mesmo atividades educativas, logo suas escolhas foram livres, pois o projeto, além de tudo, presta um serviço que viabiliza a assistência dos direitos a saúde que a Lei de Execução Penal (BRASIL, 1984) garante em positividade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi observado que além da rotulação da enfermagem como profissão de mulheres, a forma e conduta dos homens durante a realização dos exames, influenciaram na aceitação por parte das mulheres, posturas eretas e formais com as mãos expostas e o braço em posição de pronação sugerindo aceitação (SILVA et al., 2000) sujeitavam as mulheres à aprovação das participações dos acadêmicos na inspeção, já posturas informais com braços cruzados ou mãos

escondidas no bolso ou nas costas, que sugeriam negação ou insegurança (SILVA et al., 2000) facilitaram para uma desaprovação de forma mais rápida.

Durante as visitas e atividades realizadas pelo projeto, podemos notar que a imagem do homem na área da saúde era sempre associada pelas mulheres reclusa a ideia de médicos ou estudantes de medicina, muitas vezes os estudantes de enfermagem eram chamados de “doutor”, diferente das mulheres, que em momento algum era chamadas de doutoras, mesmo aquelas que eram realmente estudantes de medicina, dessa forma, devido o senso comum todas as discentes do projeto eram vistas como estudantes de enfermagem/enfermeiras. Foi questionado pelas detentas em dado momento qual graduação os rapazes estavam cursando e mostraram-se surpresa ao saberem que era enfermagem, algumas delas alegaram desconhecer que homens poderiam ser enfermeiros visto para elas como profissão de “meninas”.

Enquanto a realização dos procedimentos, aquelas que aceitaram que os homens realizassem o procedimento de citológico e a permissão durante a inspeção da pele mostraram-se seguras com a postura formal dos acadêmicos que sinalizavam compreender e buscar uma comunicação que as deixassem tranquilizadas (SILVA et al., 2000). No que se refere as mulheres estudantes de enfermagem não foi necessário que houvesse um postura diferente da realização em outros momentos, também não foi preciso haver uma mudança na forma de se apresentar, nem mesmo perguntar se elas poderiam participar do procedimento citológico ou da inspeção e em nenhum momento mostraram-se inseguras ou intimidadas com estudantes do mesmo sexo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, deve-se observar que mesmo havendo uma evolução da enfermagem, alguns estigmas sociais ainda são dogmatizados pelo senso comum e até mesmo profissionais que exercem (ou deveriam) o senso crítico. Tais estigmas são relacionados ao sexo biológico dos profissionais de enfermagem, com isso, é importante ressaltar de forma educativa e lúdica a população, sobretudo a feminina, seja carcerária ou não, o trabalho no cenário da ciência da enfermagem dos profissionais do sexo masculino, desde a realização de procedimentos, até mesmo no meio científico, assim como o incentivo acadêmico aos estudantes do sexo masculino evitando evasão e possíveis intolerâncias e preconceitos diante a população e os profissionais que convivem no ambiente da saúde.

Logo, é importante que aqueles do sexo masculino busquem espaço dentro do cenário, através de publicações, participações em evento, ingresso no ambiente hospitalar e capacitações, para manutenção do excelentíssimo crescimento da enfermagem como ciência, além do reconhecimento dos homens no cenário da enfermagem.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Andréia Silva. FREITAG, Raquel Meister Ko.. Quem pergunta quer resposta!” — perguntas como estratégias de interação na escrita. **Revista Eletrônica Via Litterae**, Anápolis, v. 2, n. 2, p. 321-335, jul./dez. 2010.

BRASIL. Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de execução penal. **Diário Oficial da União**, Poder executivo, Brasília, DF, 11 de julho. 1984. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17210.htm>. Acesso em: 18 abr. 2018.

CARRILHO, Camila de Araújo; ALMEIDA, Arisa Nara Saldanha; MARTINS, Isabella Costa. UMA REFLEXÃO SOBRE A TEORIA DE PEPLAU E A TEORIA PSICANALÍTICA: CAMINHO DE INTERSEÇÕES. **Revista Expressão Católica Saúde**, v. 1, n. 1, junho 2016.

CNJ. Conselho Nacional de Justiça. **Dados das inspeções nos estabelecimentos penais**. Disponível em: < http://www.cnj.jus.br/inspecao_penal/mapa.php>. Acesso em: 18 abr. 2018.

FELIX, Tatiane da Silva Pires, VIOTTO FILHO, Irineu Aliprando Tuim. Processo de intimidação-timidez na construção da personalidade dos estudantes: reflexões sobre intervenções ludo-pedagógicas na escola. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 27, n. 3, p. 247-263, set./dez. 2016

LOPES, Marta Júlia Marques; LEAL, Sandra Maria Cezar. A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 24, p. 105-125, Junho 2005.

MISTURA, Claudelí; SILVA, Raquel Caroline Carneiro da; VIEIRA, Michelle Christini Araújo Vieira; LIRA, Margaret Olinda de Souza Carvalho e; JACOBI, Caren da Silva; CARVALHO, Maria de Fátima Alves Aguiar. Prevenção à hanseníase em unidades prisionais: relatando a experiência de atividades extensionistas. **Revista de enfermagem UFPE online**, Recife, v. 9, n. 5, p. 7967-7973, maio. 2015.

SILVA, L.M.G.da; BRASIL, V.V.; GUIMARÃES, H.C.Q.C.P.; SAVONITTI, B.H.R.A.; SILVA, M.J.P.da. Comunicação não-verbal: reflexões acerca da linguagem corporal. **Rev.latino-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 4, p. 52- 58, agosto 2000.

SOUZA, Marli Aparecida Rocha et al. Poder vital e o legado de florence nightingale no processo saúde-doença: revisão integrativa The vital power and the legacy of florence nightingale in the health-disease process: integrative review. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, v. 9, n. 1, p. 297-301, janeiro 2017.

BAGGIO, Maria Aparecida et al. Produções de teses e dissertações da enfermagem em Portugal de 2000-2010: estudo bibliométrico. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 250-260, junho 2014.